

A Sociedade Beneficente Armênia e as articulações na comunidade associativismo, solidariedade e territórios (1917–1918)

Renata Geraissati
Castro de Almeida
Colaboração: Diógenes Sousa

Arte: Eduardo Grigaitis

*Mosteiro armênio de Cor Virape e Monte Ararat, ao fundo.
Wikimidia Commons.*



Diretora: Adriana Rizkallah



Em outubro de 1917, o Diário Oficial do Estado de São Paulo publicou o extrato dos estatutos da Sociedade Armênia de Beneficência, fundada na capital paulista com o propósito de organizar práticas de auxílio no interior da comunidade armênia.

De acordo com o documento, a instituição tinha por finalidade “auxiliar mutuamente seus associados” e “prestar socorro aos armênios que se encontrem em estado de necessidade”.

Ao mesmo tempo em que estabelecia uma rede de proteção entre seus próprios membros, a entidade se colocava à disposição de outros armênios que necessitassem de auxílio, ampliando o alcance da solidariedade para além do círculo formal de associados. A criação da Sociedade revela, assim, uma dimensão importante do processo de organização da comunidade armênia em São Paulo.

A fundação, em 1917, esteve diretamente vinculada ao contexto de destruição e deslocamento forçado provocado pelo Genocídio Armênio de 1915 e pelas perseguições da Primeira Guerra Mundial, quando a política de deportações do governo otomano destruiu comunidades na Anatólia e dispersou sobreviventes pelo mundo.

Sensíveis a essa tragédia, os imigrantes armênios radicados em São Paulo antes do genocídio estruturaram redes de apoio mútuo para socorrer os necessitados, criando, já em 1915, a Cruz Vermelha Armênia, entidade voltada à arrecadação de fundos remetidos ao Fundo de Salvação Nacional, sediado em Paris (Kechichian, 2001).

A emergência da Sociedade em 1917 representou, assim, a transição e a formalização dessa infraestrutura comunitária na capital paulista (Loureiro, 2012, p. 54), substituindo a Cruz Vermelha para articular, de forma duradoura, a solidariedade internacional ao suporte das famílias recém-chegadas à cidade.

Sociedade Armênia de Beneficência

ENTRADA DOS ESTATUTOS DA SOCIEDADE ARMÊNIA DE BENEFICÊNCIA EM SÃO PAULO.

Artigo 1.º — Fundou-se na Capital de São Paulo a Sociedade Armênia de Beneficência, com sede na mesma Capital, para o fim de auxiliar mutuamente seus associados e prestar socorros aos armênios que se encontrem em estado de necessidade.

Artigo 4.º — A Sociedade será administrada por uma diretoria composta de presidente, vice-presidente, primeiro e segundo secretários, tesoureiro e conselho administrativo composto de cinco membros.

Artigo 6.º — A Sociedade será representada por seu presidente em juízo e fora d'elle e em todas as suas relações com terceiros.

Artigo 7.º — Todos os socios são eguaes nos direitos e nas obrigações e são integralmente responsaveis pela conservação e progresso da Sociedade, mas pessoalmente não são responsaveis pelos compromissos por ella assumidos.

Artigo 18. — Os estatutos só poderão ser reformados pela deliberação da maioria dos socios da Sociedade.

Artigo 19. — A Sociedade só poderá ser considerada extinta se o numero dos socios ficar reduzido a menos de dez e estes resolverem por maioria de votos a sua dissolução.

Artigo 20. — No caso da dissolução da Sociedade, seus bens serão distribuidos ás instituições de caridade, de accordo com a deliberação dos socios.

São Paulo, 8 de Outubro de 1917.

Presidente, Elian Naccache.

Vice-presidente, Carnick Arsenian.

Tesoureiro, Santiago Demerjian.

1.º secretario, Lazaro Nazarian.

2.º secretario, Armenak Bethlehemian.

Membros, Joao Cachigian, José Kahalian, Martin Gasparian.

A Sociedade Armênia de Beneficência estabelecia regras para seu funcionamento, definia responsabilidades e criava mecanismos para reunir e administrar recursos destinados ao auxílio de seus membros e de outros integrantes da comunidade.

O estatuto determinava que todos os sócios seriam iguais em direitos e obrigações e que, coletivamente, seriam responsáveis pela conservação e pelo progresso da Sociedade.

Essa concepção também se expressava nas disposições relativas à dissolução da entidade. A Sociedade somente seria extinta caso seu número de associados fosse reduzido a menos de dez e estes, por maioria de votos, deliberassem pela dissolução.

Nesse cenário, seus bens deveriam ser destinados a instituições de caridade, conforme decisão dos sócios. A determinação reforçava o caráter coletivo da organização e indicava que seus recursos estavam vinculados a uma finalidade social, não sendo concebidos como patrimônio individual de seus associados.

A direção da Sociedade seria exercida por uma diretoria composta por presidente, vice-presidente, primeiro e segundo secretários e tesoureiro, além de um conselho administrativo.

Na fundação, os cargos seriam ocupados por Elian Naccache, Carnick Arsenian, Santiago Demerjian, Lázaro Nazarian, Armenak Bethlehemian, João Cachigian, José Kahalian e Martin Gasparian.

A presença desses nomes no ato de constituição permite identificar alguns dos sujeitos diretamente envolvidos na criação e na administração da Sociedade, além de compreender as redes de participação que sustentavam a instituição.

A atuação da Sociedade Armênia de Beneficência, contudo, não se restringia às práticas de auxílio previstas em seus estatutos. Alguns registros publicados na imprensa revelam que a instituição buscava estabelecer interlocução com a sociedade brasileira.

Em 20 de novembro de 1918, o jornal Correio Paulistano, na coluna 'Colônia Armênia', publicou o telegrama enviado pela Sociedade ao então presidente da República, Wenceslau Braz, no qual manifestava suas felicitações pela vitória dos Aliados na Primeira Guerra Mundial.

Ao afirmar que a colônia armênia pertencia a uma "raça que mais padecera pelas barbaridades do absolutismo", a mensagem mobilizava aspectos da história armênia para expressar a posição da Sociedade diante do conflito de repercussão internacional.

A vitória dos Aliados era apresentada como um "triunfo da civilização" e uma "redenção" das raças oprimidas.

O documento evidencia como acontecimentos internacionais eram interpretados e mobilizados pela instituição da comunidade armênia em São Paulo.

A resposta de Wenceslau Braz, igualmente registrada na imprensa, revela que a mensagem foi recebida e respondida pela Presidência da República. O episódio é significativo porque coloca a Sociedade em uma posição de interlocução com as autoridades políticas do país.

A instituição, portanto, não atuava apenas no interior da comunidade: também construía formas de presença no espaço público, apresentando-se como representante de uma coletividade que acompanhava os acontecimentos políticos de seu tempo.

A Sociedade Armênia de Beneficência aparece, assim, simultaneamente como espaço de solidariedade interna e como instrumento de representação da comunidade diante da sociedade mais ampla.

Menos de um mês após a troca de telegramas com a Presidência da República, a Sociedade Armênia de Beneficência voltou a ocupar posição de destaque na imprensa paulistana, desta vez como participante ativa da imensa mobilização popular que tomou o centro de São Paulo.

Na segunda-feira, 16 de dezembro de 1918, a cobertura de capa do Correio Paulistano noticiava: "AS FESTAS DA VICTORIA — Revestiu-se de inédita imponência a grande manifestação aliada de ontem". O relato do jornal descreve o grandioso cortejo comemorativo do fim da Primeira Guerra Mundial, que percorreu o triângulo central da capital.

O desfile começou no Largo São Francisco, e percorreu as ruas São Bento, Direita, Floriano Pei-

xoto, Carmo, Largo do Palácio, 15 de novembro, Praça Antônio Prado, Largo São Bento, Florêncio de Abreu e Avenida Tiradentes.

O evento configurou-se como uma apoteose cívica e urbana, na qual as diferentes colônias estrangeiras, grêmios operários, associações de socorro mútuo e corpos estudantis desfilavam lado a lado ostentando suas respectivas bandeiras e estandartes.

No trecho dedicado ao "Desfile das Bandeiras e das Sociedades", a reportagem registra a presença da Sociedade Armênia de Beneficência, do Comitê Patriótico Sírio Libanês, da Società Italiana, da Sociedade Polaca, do Cercle Français, entre outras inúmeras entidades.

A inserção da instituição ao lado de tradicionais associações paulistanas e de outras colônias (francesa, italiana, britânica e sírio-libanesa) carrega significados históricos fundamentais para a análise do associativismo armênio.

A retórica triunfalista do evento e dos discursos publicados na imprensa em dezembro de 1918 expõe com nitidez o horizonte de expectativas projetado tanto pelas elites paulistanas quanto pelas comunidades imigrantes no encerramento da Grande Guerra.

Ao declarar que a vitória fazia triunfar "a causa da civilização" e que a Alemanha capitulara "para nunca mais se erguer", a narrativa do periódico refletia a crença genuína de que a humanidade assistia ao fim definitivo das guerras e dos regimes absolutistas.

COLONIA ARMENIA

Felicitações ao sr.

dr. Wenceslau Braz

pela victoria dos aliados

A Sociedade de Beneficencia Armenia, aqui domiciliada, enviou ao sr. dr. Wenceslau Braz, então presidente da Republica, o seguinte telegramma:

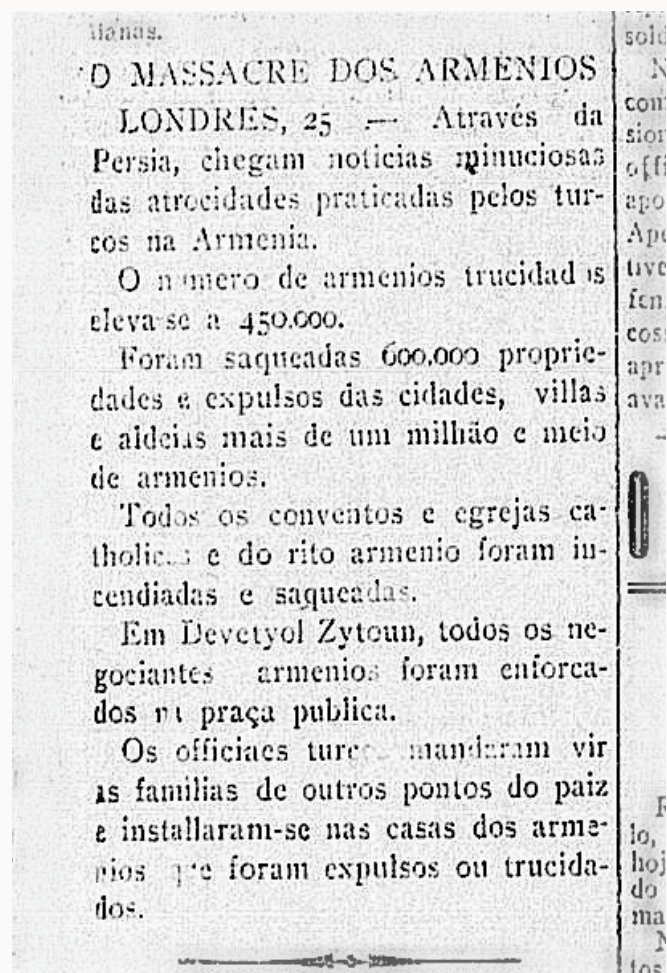
"Colonia armonia, raza que mais padeceu pelas barbaridades do absolutismo, respeitosa, apresenta v. exc. suas felicitações pela victoria completa dos aliados, triumpho da civilização e redempção raças oprimidas — (a.) Elhan Macache, presidente da Sociedade Armenia."

Em resposta a esse telegramma, recebeu aquella sociedade o seguinte despacho:

"Muito cordialmente agradeço e retribuo congratulações, que me enviastes; e vos apresento affectuosas saudações — (a.) W. Braz."

Para a comunidade armênia em São Paulo, cujas famílias acompanhavam de perto as violências e perseguições sofridas pelos armênios no Império Otomano, a vitória dos Aliados assumia, portanto, um significado particular.

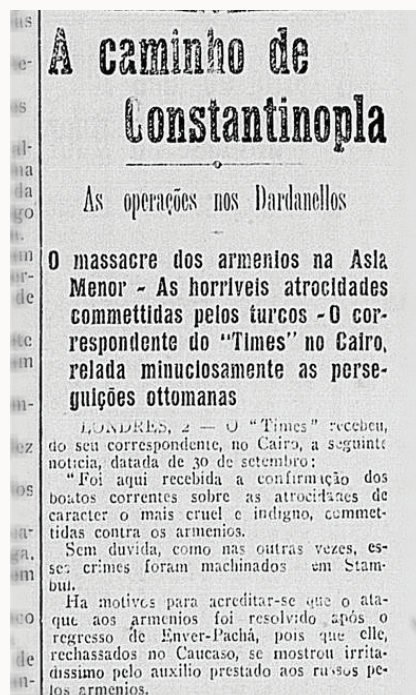
As expectativas de paz e de uma nova ordem internacional se articulavam à esperança de sobrevivência e de proteção para uma população profundamente marcada pelas violências da guerra.



A participação da Sociedade nas comemorações da vitória permite perceber como acontecimentos internacionais eram incorporados às experiências e às formas de representação da comunidade armênia estabelecida na cidade de São Paulo.

Os recibos de doações preservados no acervo da Casa da Bóia revelam alguns aspectos importantes sobre o funcionamento da Sociedade de Beneficência Armênia.

O conjunto, composto por mais de quarenta e cinco documentos, permite acompanhar parte de suas práticas de arrecadação e observar o crescimento da instituição ao longo de 1917.



Os recibos trazem ainda um elemento significativo: a localização de sua sede na Rua Florêncio de Abreu, nº 96, no centro de São Paulo.

O endereço insere a Sociedade em um espaço central para a organização e as articulações das comunidades de origem levantina e árabe na cidade, onde armênios, sírios e libaneses partilhavam o mesmo território comercial e associativo.

A rua foi sede de diferentes jornais da imprensa árabe e do escritório comercial da tecelagem da família Jafet, apenas para citar alguns. A Casa da Bóia, responsável pela preservação desses documentos, foi fundada e segue ainda hoje em funcionamento na Rua Florêncio de Abreu.



A grande imprensa tratou o genocídio armênio no contexto da Primeira Grande Guerra.

A presença dessas instituições permite perceber a rua não apenas como uma referência geográfica, mas como parte de um território de sociabilidade, circulação de informações, atividades comerciais e organização comunitária.

Os recibos também permitem acompanhar o funcionamento da instituição. O documento de número 71, datado de março de 1917, demonstra que a sociedade já realizava atividades e recebia contribuições antes mesmo da publicação de seus estatutos no Diário Oficial do Estado de São Paulo, em outubro daquele ano.

Entre os documentos preservados encontram-se contribuições mensais de Rizkallah Jorge, Zakie Naccache, Nagib Rizkallah Jorge e Salomão Rizkallah Jorge, revelando a participação contínua desses associados na manutenção da instituição.

A comparação entre recibos emitidos para diferentes contribuintes sugere um padrão contínuo em sua numeração, permitindo acompanhar o crescimento da Sociedade a partir do volume de documentos expedidos.

Em julho, o recibo emitido para Rizkallah Jorge correspondia ao número 492; no mês seguinte, seu recibo já recebia o número 608, indicando a emissão de aproximadamente 116 novos recibos no intervalo.

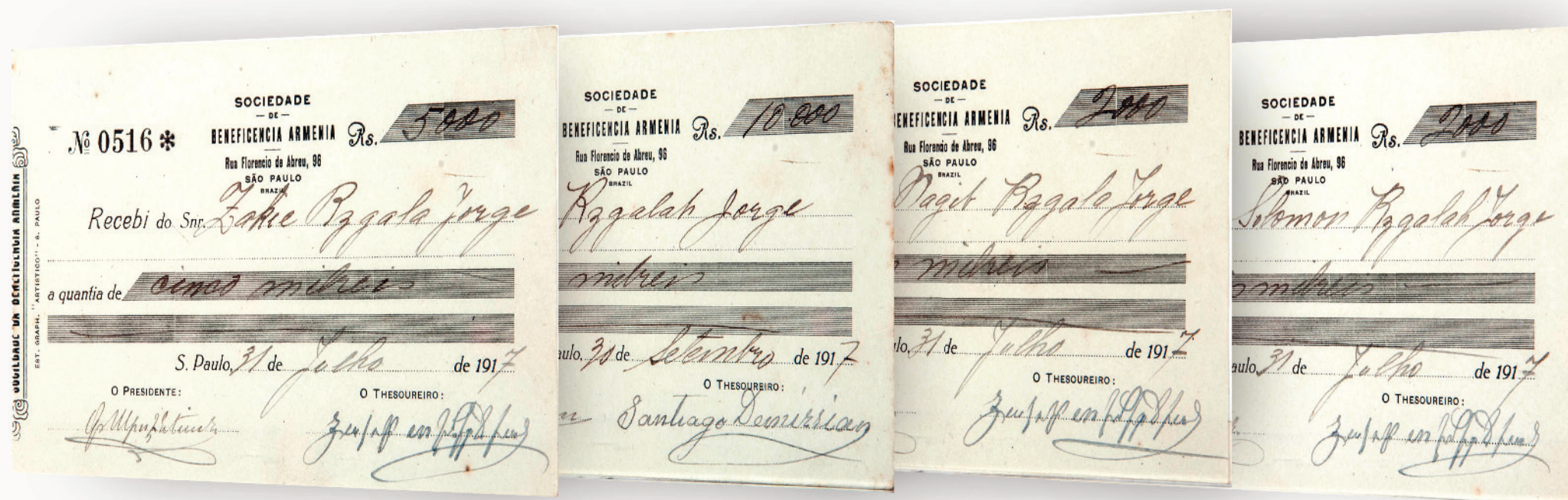
Entre outubro e novembro, a variação torna-se ainda mais expressiva: a numeração passa do recibo nº 828 para o nº 1048, uma diferença de 220 documentos. Considerando o padrão observado na comparação entre recibos de diferentes associados, a sequência sugere uma ampliação significativa do número de contribuintes e, pos-

sivelmente, do próprio quadro de associados ao longo de 1917.

Os valores das contribuições também variavam conforme cada associado. Salomão Rizkallah Jorge contribuía mensalmente com 2 mil-réis; Zakie Naccache, com 5 mil-réis; e Rizkallah Jorge, com 10 mil-réis.

A manutenção da Sociedade, portanto, não se baseava em contribuições uniformes, mas em valores distintos reunidos em uma mesma estrutura associativa.

Cada associado participava de acordo com o valor registrado em seus recibos, e a soma dessas contribuições possibilitava a sustentação material de uma instituição criada para organizar práticas de auxílio no interior da comunidade armênia.



A Sociedade de Beneficência Armênia demonstra como a comunidade encontrou na associação uma maneira de garantir proteção aos armênios.

As contribuições de seus associados tornavam possível transformar os princípios estabelecidos em seus estatutos em ações concretas de solidariedade.

A instituição também se apresentava publicamente, dialogava com autoridades brasileiras, acompanhava os acontecimentos internacionais e participava das manifestações que ocupavam as ruas de São Paulo.

Sua história revela como o associativismo constituiu um instrumento fundamental para a organização das comunidades imigrantes, permitindo que experiências individuais de deslocamento, necessidade e pertencimento fossem transformadas em práticas coletivas.

Os documentos preservados no Acervo Casa da Bóia revelam alguns aspectos do funcionamento dessa instituição, nossa vizinha histórica na Rua Florêncio de Abreu. A relação entre essas duas histórias, contudo, ultrapassa a proximidade entre seus endereços.

Elian Naccache, presidente da Sociedade de Beneficência Armênia, era cunhado de Rizkallah Jorge, proprietário da Casa da Bóia e um dos contribuintes identificados nos recibos preservados em seu acervo. Zakie Naccache, esposa de Rizkallah e irmã de Elian, também figura entre os nomes dos contribuintes.

Esses vínculos revelam uma trama de relações que articulava famílias, associações, atividades econômicas e práticas de solidariedade no interior da comunidade.

Por meio de assinaturas, valores, números de recibos e nomes de contribuintes, esses documentos permitem entrever os mecanismos cotidianos que sustentavam o associativismo.

Cada registro, aparentemente simples, o registro de uma contribuição, quando reunido aos demais, revela uma rede de relações que tornava possível a existência da própria Sociedade.

Mais de um século depois, esses vestígios permanecem preservados na mesma rua que abrigou parte dessa história e permitem aproximar instituições, pessoas e experiências que participaram da formação das comunidades imigrantes em São Paulo.

Para os soldados armênios

Em benefício dos valorosos soldados armênios, que numa arrancada feliz de bravura conseguiram retomar a cidade de Erzerum, libertando-a assim do pesado jugo dos turcos, promoveu a Sociedade de Beneficência Armenia, desta capital, uma subscrição, cujo resultado atingiu a considerável somma de 200 libras esterlinas.

Essa importância já foi enviada ao seu destino, no dia 9 do corrente.

Registro do jornal Correio Paulistano, de 14/04/1918, da doação da Sociedade de Beneficência Armênia.

Referências

AS FESTAS da Victoria: Revestiu-se de inédita imponência a grande manifestação aliada de ontem. Correio Paulistano, São Paulo, 16 dez. 1918. p.3.

COLÔNIA Armênia. Correio Paulistano, São Paulo, 20 nov. 1918. p. 2.

KECHICHIAN, Hagop. Os sobreviventes do genocídio: imigração e integração Armênia no Brasil – um estudo introdutório – (das origens à 1950). 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

LOUREIRO, Heitor de Andrade Carvalho. O comunismo dos imigrantes armênios: o caso de São Paulo (1935-1969). Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

SÃO PAULO (Estado). Sociedade Armênia de Beneficência. Diário Oficial do Estado de São Paulo. São Paulo, 8 nov. 1917, p. 5074.

Recibos de Doação e Contribuição Mensal para a Sociedade Armênia De Beneficência (1917 e 1918). Acervo Casa da Bóia, São Paulo. Cód. de referência: 02/678-001 a 02/678-50.

*Diretor: Mario Rizkallah
agosto, 2026*

*Para não se esquecer.
Memorial do Genocídio Armênio,
Yerevan, Armênia.
Rita Willaert/Wikimedia Commons*

